

A aplicação do “eu-câmera” em *Viajo porque preciso, volto porque te amo*

MATEUS NEISS SOARES¹;
GUILHERME CARVALHO DA ROSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – neiss.mateus@gmail.com

²Guilherme Carvalho Da Rosa – guilhermecarvalhodarosa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo versa sobre uma possibilidade de análise a partir de filmes contemporâneos de autor do cinema brasileiro. Tais filmes, geralmente, não se inserem em um contexto amplo de distribuição e têm características relacionadas a possibilidade de autoria no cinema, a partir do filme relacionado a figura do diretor e no contexto da sua própria produção cinematográfica. O cinema de autor caracteriza-se, de forma breve, pela aura quase marginal aplicada a tais trabalhos, onde seu criador se vê responsável pela semântica da obra, acompanhado de um minimalismo e controle criativo próprio.

Existe uma tendência no cinema nacional independente do hibridismo narrativo entre ficção e documentário. Este fenômeno se dá de diversas formas, desde a exposição de personas reais em meio a situações fictícias (caso de *Nova Dubai*, de Gustavo Vinagre, 2014 e *Branco sai, preto fica* de Adirley Queirós, 2014), ou a inserção da linguagem documental em momentos de redução da *mise-en-scène*¹ (*Ventos de agosto*, de Gabriel Mascaro, 2014) e até mesmo a apropriação de imagens de arquivos para compor narrativas ocasionais em nome do surgimento de um novo universo. É justamente nessa terceira vertente que se faz presente o filme longa-metragem ficcional dirigido por Karim Aïnouz e Marcelo Gomes *Viajo porque preciso, volto porque te amo*. O trabalho visa também analisar as aplicações empíricas destes artifícios narrativos e estéticos presentes no filme de Karim Aïnouz e Marcelo Gomes (*Viajo porque preciso, volto porque te amo*). O filme é observado, brevemente, através do cruzamento teórico entre Jacques Aumont (1993) Phillipe Dubois (2004) e Cezar Migliorin (2006) buscando assessorar uma discussão e percepção na sensibilidade do trabalho proposto pelos artistas realizadores do projeto.

O projeto inicial de *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009) foi modificado com relação a sua proposta original – em princípio sendo um curta-metragem documental sobre o sertão nordestino, chamado *Sertão acrílico azul piscina* – e as imagens que até então haviam sido gravadas foram remanejadas para o surgimento do longa-metragem explorando, além da tendência contemporânea ao hibridismo entre documentário e ficção, uma aproximação com o universo da *videoarte* que é semelhante a trabalhos nacionais como *Rua de Mão Dupla* (Cao Guimarães, 2004), onde o manipulador da câmera se impõe como construtor da narrativa sem obrigatoriamente se apresentar diante dela. Em *Rua de mão dupla*, os personagens estabelecem uma relação genuína de pertencimento à imagem através da manipulação direta e inserções próprias em frente ao dispositivo, de forma íntima e solitária. Em *Viajo* o que acontece é a

¹ A *mise-en-scène* é o nome dado ao processo de execução de uma cena no cinema e/ou teatro, consiste em analisar sua composição através de elementos como: os efeitos de luz, enquadramento da câmera, entonação de voz, gestos e movimentos no cenário.

sobreposição sonora de uma voz *over*² interpretada por Irandhir Santos – enquanto as imagens de arquivos são apresentadas e associadas ao que é dito. Ambos os filmes mesmo tratando-se de gêneros diferentes, um é documental e o outro ficção, compartilham da mesma sintonia artística ao propor a imagem como experiência sensitiva ou, como convencionou-se chamar no pensamento sobre o cinema: o "eu-câmera/câmera-experiência".

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado através da consulta e cruzamento teórico do objeto com os autores Jacques Aumont (1993), Phillippe Dubois (2004) e Cezar Migliorin (2006). Estes autores se propõem a discutir a aplicação de um dispositivo como ferramenta narrativa e suas implicações como imagem empírica. No filme estudado, tal dispositivo trata-se de câmeras digitais e analógicas inseridas ao longa como objeto físico, porém com o papel de interferir na criação da atmosfera da história, beirando o antagonismo - uma regra do jogo proposta pelo autor do filme. A origem da pesquisa é a disciplina de Ciclo de Cinema IV, ofertada pelo curso de Cinema e Audiovisual (UFPEL).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de pesquisa resultou em um artigo publicado na oitava edição da Resista Orson – revista acadêmica do curso de Cinema e Audiovisual pela UFPEL. Desenvolve-se como uma análise de um cinema prematuro no Brasil, *video-arte* com característica de fase inicial dentro do processo de maturação da possibilidade de cinema contemporâneo. Uma percepção de um movimento artístico marginal que aos poucos conquista espaços dentro do âmbito nacional.

4. CONCLUSÕES

A compreensão de tempo neste filme-ensaio não é datal. As imagens quando captadas com intervalos de anos e são postas lado-a-lado podem resultar como a representação de um mesmo período. Este recorte, no caso de *Viajo*, mantém uma sincronicidade atmosférica devido a imposição física da voz do protagonista na leitura de semiose permitida, análise inclusive apresentada por Jacques Aumont em seu livro *A Imagem*: "a dimensão temporal do dispositivo é o estabelecimento da relação dessa imagem, definida de forma variável no tempo, com um sujeito espectador que também existe no tempo." (AUMONT, 1990 p. 162). Afirma-se da temporalidade uma construção conjunta entre dispositivo-personagem-espectador.

Percebe-se *Viajo* porque preciso, volto porque te amo como um debate sobre os limites do cinema-dispositivo, ao mesmo tempo em que se compreende uma reflexão sobre a câmera como extensão corporal. É um minimalismo extremista remetente ao cinema árido de Glauber Rocha, mas que ainda assim soa atual e, da forma mais pragmática possível, universal para quem se dispõe a viajar junto com o protagonista.

² Trata-se da utilização de uma voz, onde não há identificação de seu responsável e o mesmo não se encontra em cena.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. São Paulo: Papirus, 2007.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. São Paulo: Papirus, 1993.

MIGLIORIN, Cezar. Imagem-experiência: 1949/2003, Jonas Mekas e Agnes Varda. In: CORRÊA, Luciana. et al. **Estudos de cinema e audiovisual Socine**. São Paulo: Socine, 2006.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.